

POESIA ANGOLANA: CONTRA A CORRENTE,
A FAVOR DA ESPERANÇA

Para António Jacinto
Rita Chaves*

RESUMO: O trabalho discute as características da poesia produzida nos últimos 50 anos e o lugar do poeta num mundo marcado pela cisão, capaz de evitar o caos assegurando à palavra o direito e o poder de continuar fundando utopias. A matéria poética evoca as raízes de um povo marginalizado pelo cativo de desigualdade, mas o itinerário da poesia angolense é marcado por uma história de resistência à dominação, numa luta, dentre outras, da palavra contra o esquecimento. Pela memória, resgata-se a crença na utopia e vislumbra-se a chance de ultrapassar a barbárie colonial.

UNITERMOS: Poesia Angolana/Poesia de resistência/Transformação/Poesia e Artes.

Superando os limites das reflexões sobre o problema da nacionalidade na literatura angolana, a poesia produzida nos últimos 50 anos em Angola coloca-nos diante de uma questão essencial para a teoria da literatura e para a crítica literária: o lugar do poeta num universo convulsionado; balizado por um código que legitima a atomização da sociedade e a desintegração do homem.

Marcado pela cisão, o mundo moderno parece roubar à poesia a possibilidade da comunhão, interditando-lhe aquela velha faculdade de promover a aliança entre o homem e a natureza, entre a arte e a sociedade, entre o homem e os outros homens. Assim, quando, nas belas palavras de Alfredo Bosi, "o estilo capitalista e burguês de viver, pensar e dizer se expande a ponto de dominar a terra inteira", impõe-se ao escritor que não se quer cúmplice da destruição a tarefa de formular poeticamente respostas que expressem, a despeito das fortes pressões, a nossa crença na resistência. Imprensado, portanto, contra os invisíveis muros da interdição, o poeta pode evitar o caos quando consegue assegurar à palavra o direito e o poder de continuar fundando utopias.

Nesse sentido, o itinerário da poesia em Angola, constituindo uma impressionante história de resistência à dominação e de confiança numa ordem diversa daquela que o colonialismo impunha, integra-se, ao mesmo tempo, numa

(*) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP.

luta mais ampla que é a luta do homem contra a dor, a luta da palavra contra o esquecimento, a luta do canto contra o silêncio, a luta da vida contra a morte. Da década de 60, quando eclode o grito "Vamos descobrir Angola", que sintetizava todo o espírito e disposição de um grupo de nacionalistas até os nossos melancólicos anos 90, os poetas angolanos têm combinado a magia de suas imagens com a beleza de uma ética que não dispensa o compromisso com a transformação. Assim, da "carta do contratado", famoso poema de António Jacinto, ao *Hábito da terra*, o mais recente livro de Ruy Duarte de Carvalho (Prêmio Nacional de Literatura em 89), passando pela poesia de guerrilha habilmente trabalhada por Costa Andrade, temos diante de nossos olhos o perfil de uma produção que, assumindo a força de sua tradição cultural, não renuncia àquele conjunto de procedimentos artísticos que, mesmo produzidos noutras latitudes, compõem um patrimônio da humanidade.

Emergindo como um modo específico de perceber o fenômeno poético e uma forma particular de conceber o exercício literário, essa poesia tem como um de seus fundamentos a relação entre literatura e experiência. A aventura concreta posta pela vida, de onde já não se pode banir a sombra da dor e do sacrifício, apresenta-se como um fator a ser transformado em linguagem. O contato com a vida, aí incorporadas as linhas da História, faz-se matéria literária num jogo que não desiste de evocar a possibilidade de se recuperar o caráter sagrado da existência em algum momento muito distante subtraído aos homens. No caso específico da terra angolana, esse momento é frequentemente associado à chegada do colonizador, quando entram em vigor as leis do silêncio, cuja quebra vai requerer o recurso da memória. Através dela, resgata-se a crença na utopia e vislumbra-se a chance de ultrapassar a barbárie colonial.

Como uma energia que guarda os sinais de um passado mais que remoto e impulsiona a consciência que modela o futuro, o poderoso lastro da memória perfaz o projeto da identidade cultural, assegurando-lhe a riqueza determinada pela pluralidade de faces de uma realidade, acima de tudo, múltipla. Numa perspectiva dinâmica, tudo se vai converter em matéria poética: a explosão da bomba no peito do guerrilheiro, as buganvílias vermelhas dos quintais luanenses, as ruas escuras dos musseques, o nutritivo makezu evocando as raízes de um povo marginalizado pelo cativo da desigualdade.

Esse apego pela memória, no firme desejo de recuperar um universo que a invasão colonial pretendeu arrasar, remete-nos ao contexto do Romantismo que sacudiu a Europa no final do século XVIII e chegou entre nós já no século XIX. Daquele projeto artístico a literatura foi buscar os aspectos que o definiam como um movimento revolucionário. Importa aqui, no entanto, chamar a atenção para o vivo trabalho de atualização que a produção poética aí realiza. Afastando-se da idéia de um comportamento anacrônico, como quer fazer acreditar uma certa crítica ainda aferrada à visão colonialista, tal aproximação se dá num contexto

equacionado sobre coordenadas perfeitamente inseridas na atmosfera dos anos 60, quando eclode a luta armada, consolidando o processo de transformação gestado na década de 40.

Ressurgindo como mais um lance na cena protagonizada pelo sonho, a paixão romântica, durante os anos 60, vai, na verdade, contagiar os ares dos quatro cantos do mundo. Se em Angola a luta de libertação nacional apresentava-se como a motivação essencial, em outros lados assistia-se a uma movimentação também voltada na direção de fortes mudanças. Nesse sentido é que se pode dizer que nos maquis em que se travavam as batalhas africanas, nas praças de Paris ou Praga, nas calçadas de Berkeley, nas ruas do Rio ou de São Paulo, eram visíveis os gestos (e as palavras) que tinham como fim o erguer de um novo mundo. Com dimensões específicas, contra forças diferenciadas, essa aposta no sonho constitui um elemento que conferia certa unidade a esses distantes pontos do planeta. Em um artigo sobre a rua Maria Antonia, onde ficava a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, palco de famosas agitações, o sempre Professor Antonio Candido numa bela imagem, desvela o espírito geral das mudanças pretendidas nesses anos. Estávamos, pois, diante de "um mundo coberto de moços". A inscrição do sonho angolano se dava, portanto, entre os limites de um tempo tomado pela utopia, cujo calor infelizmente não pôde barrar os gelados ventos da violenta reação desencadeada pelos cultores da desigualdade.

Se o entusiasmo pela mudança define-se como um traço essencial na cosmovisão desses poetas, é possível rastrear em sua obra toda uma série de elementos que vem assinalar a marca da herança romântica no processo de sua realização. Além da presença do senso de historicidade que o Romantismo imprimiu à pele da literatura, a poesia angolana se vai valer de conquistas bastante caras à modernidade como a diluição das fronteiras entre os gêneros literários. Essa atitude, longe de configurar apenas a importação fácil de um modismo, vai concorrer para a expressão de tempos fortes, quando já não é possível isolar o individual do social. Para a materialização dessa voz que procura dizer o que, de tão estilhaçado parece indizível, convergem para a Épica e a Lírica, fundando o modo possível de olhar o mundo quando as angústias pessoais e as contradições coletivas se entrelaçam reivindicando uma multiplicidade de recursos que, de saída, recusaria a contenção do lirismo clássico.

Em contraposição ao equilíbrio clássico, a estética da angolanidade vai se pautar por uma organização que privilegia a multiplicação, concretizada no poema tanto pela presença dominante de imagens cumulativas quanto pelo uso da repetição como recurso estilístico, traduzindo uma nítida atração pelas estruturas paralelísticas que, sendo própria da poesia não é refratária à dicção da narrativa. A necessidade de tudo dizer revelando o desejo de aderir à experiência imediata acaba por atribuir à linguagem o papel de passar a vida a limpo. Tudo é, desse modo, assunto para o texto poético. Ao lado da irrevogabilidade das gran-

des questões da História, surgem os cacos da vida cotidiana, da história miúda, fatia que coube ao sujeito viver entre os fios cortados pela opressão. Ao poeta, cabe ordenar o descompasso dos sinais emitidos pelas notas de cada universo. Por isso, entre as grandiosas imagens que procuram espelhar a partida para a guerrilha, ato heróico que a hora solicitava, emergem as lembranças dos retratos fugazes, a compra do jornal diário, do pão ou leite de manhã.

Dessa vontade máxima de expressão resulta ainda o apego à plasticidade que caracteriza a produção de que falamos. Usando abusivamente a sinestesia, há nessa poesia sinais que apontam para a formação de um lirismo calcado nos sentidos, sugerindo a idéia de uma linguagem em movimento que precisa dar conta de uma linguagem em movente. Do desejo de ser totalizante nasce a necessidade de se aproximar do terreno das artes plásticas e da arquitetura, reservando um lugar bastante especial à cor e ao concreto como elementos de significação no texto. Porque ligadas aos fenômenos físicos, as imagens que ali se constroem oferecem uma corporeidade que parece querer compensar o sentimento de provisoriade vivida na rede de carências que a instabilidade do mundo emoldura.

Não nos parece gratuito o fato de pelo menos três dos maiores poetas angolanos da contemporaneidade também se destacarem no campo de outras artes. Costa Andrade, Henrique Abranches e Ruy Duarte de Carvalho trazem para o domínio da literatura o legado da aprendizagem proveniente do exercício de outras linguagens, notadamente o das artes plásticas e do cinema. A familiaridade com a música, muito comum na relação com a literatura, perde cedo espaço no caso da poesia angolana para a pintura e o cinema, formas artísticas centradas no poder da imagem, o que certamente requer uma interpretação particular. No momento, arriscamo-nos a dizer que o senso do concreto, plasmado pela corporeidade do signo visual, pode contribuir de modo mais explícito para que a poesia resista melhor à tentação de se reduzir a um mero exercício metalingüístico que muitas vezes faz do poema apenas uma ilha postulando o isolamento como a aceitação de uma condenação de tempos tão duros. A opacidade que a pós-modernidade converte em hermetismo e sagra como verdade poética é recusada em nome da comunhão que precisa ser resgatada, ainda que como projeto.

Ao assumir a resistência como pedra que dá sentido à obra literária, a poesia angolana não tem (como ainda é comum ouvir de certos críticos) renunciado ao projeto estético que, ao longo dos anos, pôde formular. Afastando-se da noção de símbolo fechado que autofagicamente se consome no paraíso vanguardista de tantas pós-modernidades, esses poetas vêm apostando no canto comunitário que deseja e busca o eco de outros cantos. Assim, a tradição que se dinamiza na roda da História permite o resgate produtivo de um Romantismo em que a nostalgia só tem lugar para redimir as cinzas do presente. E a memória, como impulso enriquecedor, vai recolhendo os fios de uma tradição cultural que se espalha pelo universo das lendas, do mito, da geografia, da música e da História.

ria, numa operação que precisa, ao mesmo tempo, exorcizar os resíduos mortos de toda retórica ultrapassada. Desse modo, a experiência do caos que acaba sendo um fim em certas líricas ocidentais, tem sido para a poesia angolana uma terrível força a que ela vem procurando contrapor a energia impetuosa de sua esperança. A despeito dos tempos e das correntes.

ABSTRACT: This work discusses the characteristics of the poetry produced in the last 50 years and the poets' place in a divided world, as the one is able to avoid the chaos by assuring to the word the right and its power to keep going on founding utopias. The poetic matter evokes the roots of a people, a people marginalized by the captivity of inequality, but the road of the Angola's poetry is marked by a history of resistance to the domination, in a struggle, among others, of the word against the forgetfulness. Through memories, it is possible to recover the trust in utopia and get a glimpse to overcome the colonial barbarie's.